

José Lins do Rego: tipos em transição

Davi Lopes Villaça

Resumo

Venho estudando em meu mestrado a relação conflituosa dos heróis de José Lins do Rego com as próprias origens, a partir da leitura dos romances do autor (de dentro e de fora do “Ciclo da Cana de Açúcar”) como diferentes angulações de um mesmo problema. É significativo que nesses personagens possam ser observadas manifestações variadas de um mesmo tipo, ramo daquela figura síntese peculiar à prosa dos anos 30, que Mário de Andrade primeiro denominou “fracassado”. Em cada romance, deparamo-nos com protagonistas oprimidos pela consciência de uma história que deveria ter sido a sua, mas da qual já não sabem se podem ou mesmo se querem participar. Mesmo quando não possuem a memória de um passado cuja perda pudessem lamentar, revelam-se nostalgicamente ligados à ideia de um papel que deveriam ter desempenhado, de um destino do qual se desviaram e que agora os define, onde quer que estejam, como figuras desgarradas, à margem do que lhes parece ser uma existência maior ou uma verdadeira vida. Têm sempre diante de si dois caminhos possíveis: um que diz respeito unicamente a sua experiência pessoal e outro que a transcende, integrando-os a algo maior e mais antigo do que eles mesmos. São sempre, nesse sentido, personagens em busca de uma história, em conflito com a ordem de um mundo decadente que reconhecem como seu, mas onde já não creem poder se situar, ao mesmo tempo não sabendo se a ele seriam capazes de sobreviver. Pretendo discutir a implicação das diferenças entre as trajetórias de alguns heróis, a partir justamente da verificação do que eles têm em comum; apontar, portanto, o que no conjunto da obra do autor se revela não simples repetição, mas olhar múltiplo para um mesmo drama, experimentado pelo indivíduo em face da modernização.

Palavras-chave

José Lins do Rego; romance; decadência; espectador

1 Mestrando em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo, bolsista Capes. E-mail: dlvillaca@uol.com.br.

Meu projeto de mestrado foi elaborado a partir do desenvolvimento de algumas hipóteses levantadas ao longo da graduação, em pesquisa de iniciação científica e monografia de final de curso. Lendo os romances de José Lins do Rego, pareceu-me significativa a recorrência de um mesmo conflito na trajetória de seus heróis: a relação aflitiva entre eles e certas marcas pessoais, de valor sempre depreciativo, que a seus olhos os tornavam incompatíveis para a realidade com que teriam de lidar e para a vida que desejavam viver. Tais marcas, ou “estigmas”, como me pareceu apropriado chamá-las, constituem sempre espécie de vínculo entre esses personagens e algum aspecto de suas próprias origens, sempre os remetendo, por diversas razões, a uma similar condição de inferioridade. Em *Pureza*, o herói Lourenço é um moço hipocondríaco atormentado pela impressão de trazer no corpo, a despeito do que lhes asseguravam os médicos, a “doença da família”, como ele mesmo chama a tuberculose, de que haviam morrido sua mãe e irmã. Em *Pedra bonita*, uma família de retirantes abandona o filho pequeno, Antônio Bento, aos cuidados do padre do Assu, onde cresce hostilizado pelo povo supersticioso do vilarejo, crente de que a cidade natal do rapaz era um “ninho de cobras”, terra de gente maldita, responsável pela miséria e pelas desgraças de toda a região; no decorrer da narrativa, conforme o herói desvenda história que todos lhe ocultavam, fica sabendo do acontecimento sinistro que ocorrera na terra de onde viera e também da lenda de uma maldição ligada ao nome de sua família. Em *Eurídice*, toda as fraquezas e todas as angústias do protagonista estão de algum modo ligadas ao fato de ser ele um “filho de velhos”, de um casal já entrado em idade e, mais especificamente, de uma gente cuja vitalidade se esgotara, o que para ele se evidencia na degradação econômica e social da família. São alguns exemplos desse conflito que perpassa a obra do romancista, permitindo-nos pensá-la como um olhar múltiplo para um mesmo problema, expresso na relação ambígua de seus personagens – figuras quase sempre jovens, ainda a assumir uma posição em relação ao mundo e a si mesmos – com suas origens telúrico-familiares, sobretudo no que estas dizem respeito à constituição de sua identidade.

Não menos importante é o reconhecimento desses heróis como manifestações

bastante variadas de um mesmo tipo, ramo daquela figura síntese, peculiar à prosa dos anos 30, que Mário de Andrade primeiro denominou “fracassado”. Figura que se distingue radicalmente do herói trágico ou, de forma mais abrangente, do herói “que fracassa” – aqueles que são, como diz o crítico, “seres capazes de se impor, conquistar suas pretensões e vencer na vida, mas que no embate contra forças maiores são dominados e fracassam” (1978, p. 190). O tipo comum em José Lins pertence àquela estirpe de heróis desfiados, “incompetentes pra viver, e que não conseguem opor elemento pessoal nenhum, nenhum traço de caráter, nenhum músculo como nenhum ideal, contra a vida ambiente”. O que nele se chama de fracasso se comprova antes um traço de caráter do herói do que uma circunstância ou episódio qualquer de sua trajetória. Convém, portanto, determinar a forma como essa figura se particulariza na obra do romancista. Em cada narrativa deparamo-nos com heróis oprimidos pela consciência de uma história que deveria ter sido a sua, mas da qual não sabem se ainda podem ou mesmo se querem participar. Até quando não possuem a memória de um tempo cuja perda pudessem lamentar, revelam-se nostalgicamente ligados à ideia de um papel que deveriam ter desempenhado, de um destino de que se desviaram e que agora os define, onde quer que estejam, como figuras desgarradas, à margem do que lhes parece ser uma existência maior ou uma verdadeira vida. Diante deles se colocam dois caminhos: um que diz respeito unicamente a sua trajetória pessoal, e outro que a transcende, integrando-os a algo a princípio maior e mais antigo do que eles mesmos, mas que se encontra, agora, em vias de desaparecer. “São sempre”, escreve Antonio Candido, “indivíduos colocados numa linha perigosa, em equilíbrio instável entre o que foram e o que não serão mais, angustiados por essa condição de desequilíbrio que cria tensões dramáticas, ambientes densamente carregados de tragédia, atmosferas opressivas, em que o irremediável anda solto. Os seus heróis são de decadência e transição, tipos desorganizados pelo choque entre um passado e um presente divorciado do futuro” (1992, p. 61).

Procurei estudar os romances “independentes” do autor (como denominou José Aderaldo Castello as narrativas posteriores ao *Ciclo*) não na sua suposta tentativa de

ruptura com relação a temas e figuras já bastante explorados pelo autor, com o conteúdo memorialístico e documental dos primeiros romances, mas na relação de continuidade com certas questões que se fazem sempre presentes, sem implicar necessariamente uma repetição. A propósito desses afastamentos de José Lins, em seus romances mais novos, com relação à sua matéria original, a ser depois retomada em *Fogo morto*, Luís Bueno escreve: “O mais interessante nessa experiência é que ele acaba conseguindo, com essa longa volta, menos encontrar novos temas do que novas situações, novos contextos, para tratar do seu único grande tema, o da ligação do homem com sua terra – ou seja, acaba apenas reafirmando que seu universo ficcional depende menos da região em si de que se trate, mas do problema do homem e sua relação com seu lugar de origem” (2006, p. 466). Espero, a partir do cotejamento desses romances, de dentro e de fora do *Ciclo*, e em especial das tensões presentes em alguns de seus heróis, chamar a atenção para o todo complexo que essa obra, em seu conjunto, representa; discutir, a partir daí, a natureza e a especificidade desse drama que tem sempre, como pano de fundo, a figura da decadência, não apenas como esta se expressa no cenário ou nas relações sociais, mas sobretudo como se elabora a partir do olhar dos próprios protagonistas e se constitui como parte indissociável de suas personalidades.

Tipos indecisos entre uma vida de que se afastaram e outra para a qual se sentem desqualificados, esses personagens nos falam sempre de uma história, de uma origem diante da qual assumem as posturas mais diversas: desejam ora preservá-la, ora romper com ela; ora salvá-la, ora sacrificá-la – remetendo-se sempre a um tempo que se encontra, agora, em vias de desaparecer, e com o qual já não podem constituir qualquer relação de continuidade. No que diz respeito aos romances posteriores ao *Ciclo da Cana de Açúcar*, isso nos ajuda a compreender o quanto essas obras, eventualmente desvalorizadas como meras tentativas de José Lins de se afastar do cenário e da paisagem explorados nos primeiros romances – de se provar, como criador, capaz de ir além do regionalismo apoiado sobre as reminiscências das coisas vividas e familiares –, dão seguimento, sob diferentes perspectivas, ao tratamento de questões que ao autor sempre

foram prementes e que no fundo dizem sempre respeito a um drama da memória.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira* (Elegia de Abril). São Paulo: Livraria Martins Editora, 1978.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora Unicamp, 2006.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. *Brigada ligeira e outros escritos* (Um romancista da decadência). São Paulo: Editora Unesp, 1992.